

A água e o fogo

E quando ficou sozinha em casa, todos os fantasmas vieram ao seu encontro.

Sempre gostei de histórias de duplos: as de Edgar Poe, Hoffmann, Henry James, Dostoievski, as palavras de Ivan Karamazov, *sei quem tu és, tu és eu mesmo, mas trazes contigo o que estava morto há muito tempo...*

No cinema, como nos sonhos, os estados de alma podem transformar-se em imagens, uma personagem pode desdobrar-se infinitamente; há histórias de duplos que nos tocam muito fundo, como «Vertigo» de Alfred Hitchcock ou o filme de Robert Zemeckis que tem o enigmático título «What Lies Beneath» («A Verdade Escondida»).

Michelle Pfeiffer nunca esteve tão bela, uma beleza de ossos e veias, desprovida de carne, o seu corpo ligado à casa, pelos movimentos que fazem abrir portas e cair objectos, pela sua imagem mil vezes reflectida, pelas cores da roupa (as da casa, o azul e o branco, o cinzento), pelas rosas. A primeira vez que vi o filme pensei que tinha de escrever uma história com os dois naquela casa, não as personagens, os actores, os corpos. Depois, como me

aconteceu há anos num jardim, percebi que podia passar o resto da vida a escrever histórias sem sair daquele lugar.

Uma casa azul e branca, um jardim, junto a um lago; das janelas vê-se outra casa, as cores são as mesmas mas muito mais escuras, o jardim parece abandonado, ali não há flores, o Outono já chegou, as folhas, o vento (e tudo o que se passa é mais intenso, mais selvagem).

Há uma mulher que vê a filha partir para a universidade e o vazio abrir-se à sua frente. «Agora somos só nós», diz Harrison Ford. «Eu sei», responde Michelle (o seu nome no filme é Claire). Mas ela sente-se sozinha, e da sua solidão nascem sombras, ecos, quando faz amor alguém faz amor na casa ao lado, quando chora no jardim alguém chora do outro lado da cerca.

E depois começa a ver o fantasma de uma mulher: «She looked like me... only she had green eyes.» Um segundo rosto que se reflecte na água, na névoa, nos espelhos humedecidos («I am in love with moistness», diz uma personagem de George Eliot...)

Ela renunciou à música (era violoncelista antes de casar), a uma vida livre, desapareceu na água, *imóvel mas consciente do que se passava à sua volta*; deixou que o marido a matasse, mas agora que ficaram sozinhos na casa o fantasma voltou do fundo do lago e quer vingança. E o vermelho irrompe nos calmos azuis e brancos, o sangue no sapato, o vestido (Michelle Pfeiffer de vestido vermelho, sensual e vingativa, olhando a outra Michelle vestida de azul, molhada até aos ossos, reflectida no espelho), a maçã, o fogo, o sangue de Harrison Ford.

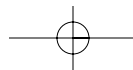
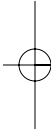
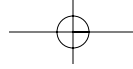
Neste filme só há uma mulher. Isso é dado logo nos primeiros segundos, quando o rosto da morta se transfor-

ma no de Michelle na banheira, no momento em que ela descobre a identidade da jovem desaparecida (Madison Elizabeth, M. E., Me), quando vê o colar na foto e leva a mão ao pescoço, como se recordasse. Nos murmúrios, nos reflexos. Nalgumas linguagens primitivas a mesma palavra designava a alma, a sombra, o eco, a imagem do corpo na água. Aquela mulher perdeu a alma há muitos anos, e ela persegue-a em todas as suas formas.

E nem a vingança poderá libertá-la, descobrimo-lo naqueles brevíssimos instantes em que o cadáver que flutua tem o seu rosto — é estranho como neste filme algumas imagens estão inseridas de um modo quase subliminar, podemos vê-las ou não, mas mesmo quando não as vemos sentimo-las.

O fantasma continua com ela no momento em que abandona o cemitério, o rosto que se forma na neve no último dos últimos segundos do filme...

Ou talvez eu tenha sonhado.



O tempo dos fantasmas

para Iris Murdoch

Para onde vão os pássaros quando morrem, porque é que os seus livros estavam cheios de pássaros e de aranhas, e de deuses, os deuses estavam em toda a parte, como dissera Heraclito, e os anjos, e os monstros, monstros mutilados, *maimed monsters*, tinham a mesma realidade que as pedras, as rosas, o velho vaso no canto do estúdio, ela mesma, o vulto esguio, o cabelo longo e pesado, a túnica azul que podia ser um vestido de noite ou uma camisa de dormir, o colar de pérolas e rubis, os pés descalços, não tocava o chão ao caminhar, era uma deusa indiana... e as suas mãos... as unhas estavam sujas... escrevera há pouco, com tanta força que quase rasgara o papel, *Who is one's first love...*

— Quem é o nosso primeiro amor? — disse a mulher baixinho.

Pousou a caneta e colocou a página, a última, sobre o monte de papel. Estava frio, muito frio, tinha a impressão de que há algum tempo não ouvia o barulho das ondas, e